



Redacção, Administração e Tipografia
 CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
 LISBOA - PORTUGAL
 TELEFONE 539 TRINDADE
 Oficinas de Impressão e Estereotipia
 RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. Não se devolvem os originais. — Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

Editor: MANUEL DA SILVA CAMPOS
 Editor: CARLOS MARIA COELHO
 Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
 Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
 Preço: Inclusive o suplemento semanal. Lisboa, 600 Esc. Provincias, 3 meses 250 Esc. Açores, 100 Esc. Estrangeiro, 3 meses 1100 Esc.

O novo governo

Depois da formalidade sacramental e que é obrigatória do protocolo político do convite ao dr. Afonso Costa para constituir ministério procurou-se organizar um governo saudável do partido democrático. Nem para outra coisa foi lembrado primeiro o nome do fogoso tribuno: tratava-se de fazer aceitar a ideia dum governo democrático. Vem agora o sr. António Maria da Silva, colocar-se à frente dos negócios públicos e tomar conta da embrulhada situação conforme a deixaram os Vitorinos. Mas toda a gente percebe que ele vem mas é para fazer as eleições, fazer a sua cozinha política, por forma a reduzir a importância do dr. José Domingues dos Santos e a fazer vingar a política dos elementos mais conservadores do partido.

É neste estado de espírito e com estas mesquinhas preocupações políticas que o sr. António Maria da Silva assume as responsabilidades do poder. Isto equivale a dizer que no foca à organização operária, ele fará o que às suas conveniências políticas de momento lhe indicarem. Se o que lhe convier for dar-nos razão, podemos confiar em que procurará fazer-nos justiça por pouco que a isso se sinta inclinado. Mas se a corrente conservadora se impuser e lhe ditar condições, o estadista António Maria não hesitará um segundo em continuar a obra do governo que caiu.

Este António Maria da Silva esteve preso e foi perseguido no tempo do sidonismo. Sabe o que isso custa. Sabe que as informações da polícia e do seu cadastro valem tanto, que um seu tio já falecido foi procurado para ser preso por um certo tentado em virtude de estar nos registos policiais. Pois apesar de tudo isto o sr. António Maria da Silva nada fará para restabelecer a situação anterior, enquanto as circunstâncias e as conveniências políticas lho não determinarem.

Suponhamos que o operariado em Portugal concorria às urnas, em vez de manter a abstenção eleitoral que tem mantido; então, nesse caso, sr. António Maria da Silva pensaria uns momentos antes de continuar as deportações e acabaria por resistir delas. Mas o operariado vota e não há que conquistá-lo, atendendo às suas reclamações. E o sr. António Maria da Silva ficará, por este lado descansado, a não ser que...

A falta de água...

Hoje representa-se na Sociedade de Geografia uma nova farça em que as Companhias de Seguros aparecem mancomunadas como o sr. Carlos Pereira

Recebemos ontem um cartão com os seguintes dizeres, impressos a negro:

"As Companhias de Seguros de Lisboa, tendo assistido à conferência pública que, na noite de 28 de Maio último realizou no Teatro Apolo o director delegado da Companhia das Águas de Lisboa sr. Carlos Pereira e ficando alarmadas com as graves revelações por S. Ex.ª feitas, sobre os perigos iminentes para a segurança pública que a falta de água, em caso de sinistros de incêndio, pode ocasionar, resolveu convidar instantemente S. Ex.ª a realizar uma nova conferência para expôr as suas conclusões sobre a importantíssima questão do abastecimento de águas à capital.

Tendo-se S. Ex.ª dignado amavelmente anuir a esse convite, vimos participar a V. Ex.ª que a conferência se realizará na sala «Portugal» da Sociedade de Geografia de Lisboa, na próxima quarta-feira, 1 de Julho, pelas 9 horas da noite e o Centro de Seguradores Portugueses, em nome das Companhias que representa, solicita de V. Ex.ª a sua presença, o que desde já agradecemos.

O cartão não era assinado por nenhuma Companhia de Seguros, o que nos dava o direito de duvidar da sua autenticidade. Não o fazemos, simplesmente, porque achamos as Companhias de Seguros capazes de fazer o jogo aberto, franco e descarado, tão aberto, tão franco e tão descarado como o cartão os mostra, dos interesses do sr. Carlos Pereira. Das Companhias de Seguros não tínhamos até agora a impressão de que a gente que elas fazem, arrastando todo o dinheiro e toda a esperança dos accionistas e que, quando não faliam negavam-se, usando de toda a espécie de artimanhas, a pagar aos segurados os prejuízos que sofriam, quando os seus haveres eram destruídos pelo fogo.

Nesta questão das águas, as Companhias de Seguros fizeram uma intervenção suspeita e inoportuna. Suspeita por, que convidam a tratar deste momentoso assunto o director do monopólio culpado na escassez de água. Inoportuna porque as mentiras que o sr. Carlos Pereira tinha a impingir para defesa da Companhia e ainda para realizar o seu habitual, o seu conhecido jogo, já foram pronunciados no teatro Apolo, há um mês. As Companhias de Seguros — serão de facto as Companhias de Seguros? — vão fornecer nova ocasião ao sr. Carlos Pereira vir a público — para o burlar.

Na conferência do teatro Apolo o sr. Carlos Pereira, intimou o seu pessoal — o pessoal assalariado da Companhia das Águas — a comparecer, não só para lhe

Notas & Comentários

Os revolucionários civis

A revolução de 5 de Outubro fez-se na Rotunda com uma barricada quasi comica a que se postaram meia dúzia de gatos, e se furtaram ao combate todos os republicanos que são felizes e ricos.

Pois o numero dos revolucionários civis continua aumentando. E que a hora de perigo já passou e a hora da magedoura ainda não deixou de soar. A continuarem aparecendo no Câmara dos Deputados projectos de reconhecimento de novos revolucionários civis, dentro de três ou quatro anos, estranhar-se-há que para implantar a republica fosse necessária uma revolução, quando todos estavam de accordo em deitar abaixo a monarchia.

O patife do burlão...

Um comerciante de Alhandra, «força viva» autentico e, com certeza, socio da municipalidade União dos Interesses Economicos foi a policia dizer que dois vigaristas lhe tinham extorquido a soma de 53 contos.

A policia atendeu o comerciante e prendeu os vigaristas, vindo-se depois a apurar que o comerciante passava cedulas falsas de 20 centavos e pretendia fabricar notas de 100 escudos.

Avizugou-se que o comerciante era tão sério como os vigaristas, o que de resto vem provar que se o conto do vigário tem vilainias é porque ha muita pessoa que de honesta só tem a apparencia. E o caso deste comerciante, é o caso de muitos commerciantes...

Influências das touradas

As touradas são um espectáculo desmoralizador e nefasto: são escolas de brutalidade e mais instintos.

Na madrugada de ontem um grupo de forçados, d'esses brutamontes que pegam foiros veio ali para o Camões, insultar os cochelhos e tomar-lhes rudemente os trens de assalto. Como o não tivessem conseguido, foram assaltar, cobardemente, um trem em que seguia um indivíduo acompanhado duma mulher, abusando da sua força e do numero para trocarem e esparecerem o passagreiro e apoderarem-se da criatura que o acompanhava.

Esta scena barbara sucintamente narada, revela bem a atrocidade feraz, a grossaria nativa, a brutal desumanidade de que estão possuídos os cultores de los toros. E não havemos nós de combater para arrancar da vida esta pagina infamante que são as touradas. Os braços e as brutalidades, para dignificação humana, tem de desaparecer.

«Farrapos d'alma»

É o titulo dum interessante livro de versos sérios-comicos, de autoria do operário-gráfico Carlos Fernandes que acaba de nos enviar um exemplar. Brevemente o nosso crítico literário dele se occupará.

«Renovação»

É amanhã que começa a publicar-se a revista editada pela Secção Editorial de A Batalha.

Renovação apresentar-se-ha com 16 páginas de texto, ilustrada com muita gravura e impressa em papel que garante a perfeita nitidez das suas illustrações. O texto é envolto numa capa artística, que variará todas as quinzenas, impressa a três cores, e, hors-texte.

O leitor encontra, em cada número, a reprodução de um quadro ou de uma allegoria que servirá, colocada na parede da sua sala de jantar ou de trabalho, para embelezar e dar uma nota de arte a sua casa.

Cada número de Renovação custa apenas quinze tostões — 150 centavos — o que representa um esforço editorial digno de ser considerado.

Interessando a todos a sua leitura e visando uma obra de renovoamento das ideias e dos costumes da sociedade portuguesa tão preconceituosa e rotineira, é de crer que da parte das classes trabalhadoras não faltará o apoio que tornará possível a sua existência.

Sabemos que no número que amanhã é posto à venda nas ruas e nas tabacarias, os camaradas que dirigem a nossa revista puzeram todo o seu amor e todo o seu saber. Estamos convencidos que o número inicial da Renovação causará sucesso no público e despertará grande entusiasmo no nosso meio operário. E' necessário, porém, que esse entusiasmo se traduza em testemunhos práticos de auxilio que possam garantir a existência da revista e que encoragem a Secção Editorial de A Batalha a aumentá-la e a melhorá-la de modo a torná-la a altura da beleza das ideias que perfilha.

Renovação é a única revista gráfica que existe no campo das nossas ideias. Tem, portanto, o seu lugar marcado. Como se apresentará amanhã, corresponde ao sonho dos seus editores, aos desejos do público e às exigências da época e do meio? Podemos já responder que não. Mas é o que as condições actuais permitiram que se fizesse.

Apresentando à classe operária amanhã o 1.º número da Renovação, a Secção Editorial de A Batalha dirá aos camaradas: Aquí está a nossa obra. A vida desta revista está nas vossas mãos. Se vos agrada, se a todos ela interessa e é simpática, a revista viverá e progredirá!

Ler o Suplemento de A BATALHA

Contra as deportações

Um depoimento insuspeito

Em resposta ao pedido que lhe foi feito, o dr. sr. Da Cunha Dias, antigo republicano dos tempos da propaganda, quando acadêmico um dos «intransigentes» da greve de 1907, enviou ao nosso camarada de redacção Mário Domingues a carta que na integra publicamos:

Meu caro Mário Domingues:

Pouco ou nada vale a minha opinião e o meu protesto. Mas, uma vez que v. em nome da nossa amizade, se nesta hora em que tudo se apodrenta, me pede uma opinião, dir-lhe-hei de uma maneira breve — as deportações foram um atropelo à Lei, e os atropelos à Lei, é face do Direito, tem este nome — crime.

E, meu amigo, nem perante o Direito, nem perante a Moral, um crime justifica outro.

De resto, admitindo mesmo que a selecção dos deportados presidiu o mais meticuloso critério, nada justifica que se haja atropelado a Constituição da República, que se tenham substituído os tribunais por rudimentares e primitivos processos de julgamento, que se substitua um juiz por um policia.

De maneira nenhuma — frise-o v. bem — defendo os condenáveis atentados que, sob o falso título de crimes sociais ou de crimes políticos, desde 1907 têm ensanguentado a vida publica portugueza.

Mas — note-o v. também — repugna à minha intelligencia compreender a unidade mental e a coerência dos que com as mesmas mãos desfolham flores sobre as campas dos regediças e louvam e glorificam José Júlio da Costa.

De resto, mais vítimas do que os deportados — admitindo que todos os deportados são criminosos — têm causado ao país os seus «grandes homens». Inúmeras foram as vítimas do 14 de maio, do 5 de dezembro, do 18 de abril e este último movimento de 18 de abril custou a vida de algumas dezenas de criaturas innocentes, estranhas ao movimento, segundo a insuspeita informação do Diário de Notícias.

E ninguém se lembrou de deportar sem julgamento, os heróis do 14 de Maio e 5 de Dezembro, assassinos do 19 de Outubro, e os mártires do 18 de Abril.

E a desigualdade, e consequentemente a injustiça, vai mais longe!

Declarou a policia que alguns dos autores do atentado contra o tenente coronel Ferreira do Amaral — O Século o afirmou — receberam dinheiro de várias casas bancárias de Lisboa.

Verificou e não procedeu.

E contudo a mesma policia costumava prender o droguista de boa fé que vendeu o tóxico que causou um envenenamento, a pessoa que adiantou o dinheiro necessário para fabricar moeda falsa...

Perante a lei penal os que facilitam, promovem, ou auxiliam a prática de um crime são corresponsáveis, e chamam-se encobridores, ou instigadores, ou cúmplices.

Lembre v. Mário, aí em A Batalha as vantagens que adviriam à ordem que se procura estabelecer, atropelando a ordem estabelecida, em ajustar uns parágrafos a alguns artigos do código penal, resando serem os cúmplices, instigadores, ou encobridores de um crime irresponsáveis quando fossem simpáticos e generosos banqueiros da praça de Lisboa.

Depois aqui em Portugal, e especialmente em Lisboa, onde a simples antipatia de um agente de policia mais de uma vez tem atraído para uma enxovia com criaturas que a seguinte soltura prova estarem innocentes, estabelecer como critério para a condenação o número de prisões effectuadas pela policia, é legitimar o arbitrio, legalisar o absurdo.

Bem entendido que em regra essas prisões incidem sobre criaturas que professam ideias avançadas, mas supponho — talvez erradamente — que

Seu amigo
Da CUNHA

OS DEFENSORES DA ORDEM SOCIAL

Conta-se a biografia dum agente de policia que reclama uma consagração nacional

No Italia há três horas da tarde falava do novo ministério, e das deportações.

— Afinal parece que o tão decantado navio que estava para imitar os antigos barcos negreiros, já não levará mais presos. Os jornais publicam um desmentido official...

— Donde se prevê, — acrescenta um dos bebedores de café — que a nova leva era obra do ambiente preparado pela imprensa das «fôrças vivas».

Neste momento, uma pessoa que até então se conservava silenciosa atrai este comentário:

— Quem havia de dizer que tinha evidencia nessa policia de iniqua repressão, um homem que... enfim... admira-me bastante que ninguém até hoje tenha tido interesse em saber donde veio, como se fez, como surgiu a tomar um tão grande papel na politica portuguesa.

— Mas o senhor conhece alguma coisa sobre isso que diz?

— O suficiente para deitar abaixo um homem, quanto mais um certo agente da policia que pretende passar por moralizador da sociedade portugueza...

— Mas o senhor conhece então a sua historia?

— Completa. Somos conterrâneos. Ele é de Runa. Se os senhores querem saber quem é o agente X... deem uma saltada até Runa e ali colherão elementos curiosos para a sua biografia.

— Como você acaba de dizer que também é de Runa, pode elucidar-me...

— Não tenho dúvida alguma.

— Tem uma biografia completa? Vamos aos principios, aos começos.

— O «nosso» agente começou a sua vida como moço de uma casa de vinhos no Bemfoso.

— Isso pouco diz. Há moços mais intelligentes que ministros, e mais honrados que...

— Foi moço de um armazém de vinhos, por não ter competência para mais.

— Os pais tinham alguma coisa de seu e quiseram fazer dele um homem. Acabam por desistir e mandá-lo para Lisboa como castigo de muitas maroteiras. Empregado num armazém de vinhos em breve era posto na rua, porque o patrão não achava razoável que houvesse mais do que uma pessoa, a fazer uso do dinheiro arrecadado nas gavetas.

— Em resumo. Posto na rua por furto. Mas isso é um magnifico principio dum lindo cadastro.

— Mas há mais e melhor. Desempregado volta a Runa, e ali acamaradando com ciganos, inicia uma vida turbulenta, sempre envolvido numa série de conflitos, de que resultou a morte de um homem.

— Continua então o cadastro. Mas porque diabo é que esse agente tão habil em urdir romances para os jornais, tão possuído do

vicio de fabricar cadastros para os seus personagens, não se immortaliza em um romance auto-biográfico? Sim! Porque na verdade, se esse inquisidor de presos, puzesse a sua vida em romances, faria decerto um grande successo.

— Com todos os materiais requeridos para esse género de literatura.

E depois da morte do homem? Como remata essa linda historia?

— O «nosso» futuro defensor da ordem é preso, julgado, e absolvido...

— Absolvido?

— Sim. Graças ao dinheiro e influencia do pai.

— E depois?

— Volta a Lisboa, passa a ser um frequentador assíduo das casas de botata. Os pais morrem, e elle herda um prédio que passa a vender a um botateiro, para instaurar duma casa de jogo. Por menor curioso. O dinheiro da venda do prédio ardeu todo nessa mesma casa de botata.

Daqui para diante, a sua vida, o seu suário de aventuras, em cada uma das quais vai deixando um rasto ignominioso, esmalçado de lindos sobriquetes, que são verdadeiras etapas dos seus triunfos! O «Estréla», «O Cigano», «O Trintário do Ramalho», cognomes que marcam a sua vida através o lodçal de negociações com ciganos, botateiros, onde certamente foi aprender a formar a linha de moralista que dá hojejeões de civismo a uma cidade inteira.

Assim nos falou o homem de Runa, conterrâneo do xefe Xavier.

Esperamos que s. ex.ª aproveite esta biografia para a mandar afixar nas paredes, para que os altos valores deste país possam erguer-lhe uma estatua, pelos altos e relevantes serviços prestados à moralidade pública

IMPrensa

«O Grito da Juventude»

Reuniu o grupo editor do órgão do Núcleo da Juventude Sindicalista do Pôrto, O Grito da Juventude, resolvendo que as listas de subscrição para o seu fundo financeiro, que andam em circulação, recolham todas, preenchidas ou não, até ao dia 4 do corrente mês, a fim de não dificultar a sua saída.

Constatou-se com regozijo que as referidas listas têm sido bem aceites, tendo todos a quem elas têm sido presentes contribuído da melhor vontade.

Foi resolvido, também, que O Grito da Juventude inicie a sua publicação no dia 18 deste mês, motivo porque se roga a todos os jovens sindicalistas que pretendam enviar colaboração, que o façam até ao dia 8.

Toda a correspondência para o órgão juvenil deve ser enviada para a rua do Sol, 131, Pôrto.

Em que ficamos?

António Callero continua preso aguardando que o director da P. S. E. se resolva a respeitar um direito que os países reaccionários não ousam atropelar. Já o dissemos: Callero é um refugiado político que ao abrigo desse principio aqui se encontrava, como se encontram muitos estrangeiros tanto em Portugal como em França. O facto de ser-se emigrado politico não constitui delicto como o sr. Teodoro dos Santos tem o dever de conhecer. Fazer permanecer na cadeia aquele operário é não só uma medida desumana, mas até um atentado contra esse direito internacionalmente respeitado.

Mas parece que não há intelligência em fazer terminar uma situação que para deão das próprias instituições nunca poderia nascer. Persiste-se na teimosia, e Callero enquanto ela existir terá que expiar um delicto que o director da P. S. E. inventou.

Os feitos da policia

Um interessante artigo de «Tiempos Nuevos» sobre os assassínios de Diamantino da Anunciação e Domingos Pereira

Tiempos Nuevos, que se publica em Paris, volta a occupar-se dos successos desenvolvidos em Lisboa com as deportações e agressões a presos, publicando no último numero que acaba de chegar a Lisboa um artigo que a seguir reproduzimos por ser interessantíssimo.

«Pela informação publicada no número 19 dos *Tiempos Nuevos* denunciámos os inqualificáveis excessos do terror «democrático» que impera em Portugal. Hoje recebemos dados complementares que nos dão a conhecer a magnitud e alcance da cruel repressão que sofre actualmente o proletariado lusitano. Esta não tem nada de inferior, em ferocidade e violência, ás bárbaras cruzadas que tornaram sanguinamente célebres Horty e Martinez Andio em Espanha, ou os encarceramentos, as deportações e maus tratos aos detidos estão no ordem do dia. Como se isto não bastasse a policia «republicana» começou a pôr em prática esse procedimento monstruoso, constituindo um delicto de crime específico, que em Espanha se conhece pelo fatídico nome de «lei da fuga».

No decurso de poucos dias caíram sob o fogo policial dois militantes revolucionários: Diamantino da Anunciação e Domingos Pereira. Estes dois operários foram ignominiosamente assassinados pelos janizarcas da República, sob o pretexto de que tentaram fugir quando eram conduzidos a altas horas da noite pelas ruas mais sórdidas e obscuras de Lisboa.

Temos presente um dos poucos exemplares de *A Batalha*, do dia 16 de Junho, que escaparam ao sequestro e que nos dão os seguintes detalhes de tão abominável feio: «Domingos Pereira estava quasi cego. Era preciso atirar a maitar para proceder à captura dum homem que não via o caminho que trilhava? Cabe na cabeça de alguém a torpe mentira duma «fuga» que não passa dum pretexto para encobrir um assassinio? «Diamantino da Anunciação também

«queria fugir» e foi ferido com um tiro no peito, como se as balas assassinas disparadas contra um preso desarmado só podessem alcançá-lo pelo peito».

A responsabilidade policial nestes crimes está plenamente evidenciada. E a repressão prossegue dum modo cada vez mais exacerbado e intenso.

No dia 18 de Junho foram deportados mais 40 sindicalistas a bordo do cruzador «5 de Outubro». Dir-se-ia, com este facto, que triunfou Cunha Leal e seus colegas fascio-revolucionários.

Devemos erguer internacionalmente o nosso protesto contra esta espécie de fascismo «democrático». Urge acudir nossos irmãos de Portugal na sua luta denodada contra a reacção. Que todas as fracções e organismos revolucionários façam ouvir a sua voz e pratiquem a sua acção solidária em favor do operariado lusitano».

Em Sintra foi preso e agredido pela policia de Lisboa um manipulador de pão

A vila de Sintra foi ontem alarmada com uma deligencia da policia de Lisboa que ali foi prender um manipulador de pão que, segundo se disse, se encontrava refugiado. Seriam 10 horas quando quatro agentes da policia se apearam duma camionete, iniciando logo as suas deligencias.

A pobre vitima foi preso e conduzido para a esquadra onde o mimosearam com pancada. Para que se não ouvissem os gritos do preso, foi rigorosamente proibido que qualquer pessoa se aproximasse da esquadra. Um guarda, em attitude de fera gritava que ou respeitavam a ordem ou «ia à moda de Lisboa, a tiro».

Depois de toda esta scena o desgraçado padeiro seguiu para Lisboa juntamente com os policiaes. Este caso que foi presenciado por várias pessoas, certamente também néé de conhecimento do sr. Jorge de Carvalho. Ele nada conhece...